

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Isaura Gonçalves**

registada em 2009-02-05  
por

Jenny Campos e Susana Pires



## Isaura Gonçalves

Isaura Gonçalves, filha de Arminda Gonçalves e Luís Fernandes, nasceu dia 15 de Janeiro de 1929, na Benfeita. A mãe trabalhava no campo e o pai passava “metade do ano andava em Lisboa na venda da fruta, a outra metade estava com a família na Benfeita”. Teve uma irmã mais nova dois anos. Andou na escola até à quarta classe, “depois da escola fiquei aqui a trabalhar em casa dos meus pais. Trabalhar no campo.” Casou nova com o seu primeiro namorado, no mês que fez 18 anos, “fui de vestido branco, véu comprido e grinalda”. Teve um filho. Foi para Lourenço Marques ter com o marido, quando o filho tinha dois anos. Recorda Lourenço Marques como o sítio “onde passei o melhor tempo da minha vida”.

# Índice

Identificação Isaura Gonçalves.....	4
Ascendência Arminda Gonçalves e Luís Fernandes.....	4
Educação "Andei na escola só até à quarta classe".....	5
Religião "Continuo com a minha religião que a minha avó me ensinava".....	6
Namoro "Foi o meu primeiro namoro".....	6
Casamento "Fui de vestido branco, véu comprido e grinalda".....	7
Descendência Tudo por um filho.....	8
Migração "O melhor tempo da minha vida".....	9
Costumes "Os Manjericos".....	10
Lugar A Benfeita.....	11
Quotidiano Os meus dias.....	15
Sonhos Sonhar com o neto casado.....	17
Avaliação "É bonito e é bom".....	17

## **Identificação *Isaura Gonçalves***



**Isaura Gonçalves**

O meu nome é Isaura Gonçalves, nasci dia 15 de Janeiro de 1929, na Benfeita.

## **Ascendência *Arminda Gonçalves e Luís Fernandes***

A minha mãe chamava-se Arminda Gonçalves. Era da Benfeita. Trabalhava no campo, plantava tudo: couves, batatas, feijão, milho, cebolas, cenouras. Tudo nos campos dela. O que colhia era para gastos de casa e, às vezes, para dar aos amigos. Era conforme.

---

O meu pai era Luís Fernandes. O meu pai metade do ano andava em Lisboa na venda da fruta, a outra metade estava com a família na Benfeita. Ele estava lá com mais quatro senhores todos da Benfeita e todos amigos do tempo dele, da mocidade dele.

Tinham uma casa por conta deles. Tinham quem fosse fazer limpezas. Eles saíam de manhã para a venda da rua. Vendiam fruta de todas as qualidades, mas não tinham lugar certo. Andavam de porta em porta com os cabazes a vender. Também lá havia mulheres, viviam lá. Quer dizer, tinham lá casa! Estes homens que eu disse, só iam lá uma certa parte do ano. Sempre iam ganhar algum dinheiro. Na Benfeita não havia onde ganharem! E lá ganhavam-no melhor do que andar aqui a cavar terra para cima das costas.

Quando meu pai estava na Benfeita andava a apanhar a azeitona, a matar os porcos e no campo, na vida do campo, para fazer o azeite. Também cultivavam as vinhas para apanhar o vinho.

## **Eu e a minha irmã**

Tive uma irmã. Mais nova dois anos. Antigamente não tínhamos o que agora há. Não tínhamos. Brincávamos umas com as outras e depois chegou a altura da escola, íamos para a escola. E depois vínhamos da escola ainda íamos fazer alguma coisa no campo porque saía-se cedo. Não era como agora que só se brinca. Depois vínhamos, fazíamos os deveres e jantava-se. Estava-se à lareira um bocado, quando era no Inverno, e depois íamos para a cama.

Ao domingo tínhamos a missinha. Não se faltava. Também havia bailes, havia muitos bailes cá. A Benfeita era a terra dos despiques. Era um baile mais para o cimo do povo, outro mais para baixo. Havia muita gente, muita mocidade. Agora não há ninguém.

Não havia brinquedos. Nessa altura ninguém dava brinquedos. Dou-os agora, começou o meu marido a dá-los aí perto de uns 40 anos, aos miúdos da escola. Eu ainda continuo...ele faleceu e eu continuei a dar.

## **Educação "*Andei na escola só até à quarta classe*"**

Andei na escola só até à quarta classe. Era na Benfeita, numa rampa, de uma casa que ali está. Hoje é habitação de outra pessoa.

Não eram más as professoras. Eu gostava da minha professora. Não era dura, nem má mas, as reguadas havia! E ralhos, às vezes. Ralhava quando a gente não tinha atenção, havia uma varinha comprida em cima da secretária para de vez em quando fazer barulho, mandar calar quando estavam a fazer barulho.

Brincávamos a dar nomes umas às outras, fazíamos uma roda e cantávamos. Era assim. Não tínhamos grandes distrações nesse tempo. Já há quase 80 anos. Nessa altura não havia divertimentos para se entreterem.

Depois da escola fiquei aqui a trabalhar em casa dos meus pais. Trabalhar no campo. Ia trabalhar no campo e guardar as cabras.

### **Religião "*Continuo com a minha religião que a minha avó me ensinava*"**

Andei na doutrina, comunguei, fiz tudo e continuo com a minha religião que a minha avó me ensinava. Bom, ela podia ensinar alguma coisa mas havia aí uma velhota, coitada, que sabia muito bem e nós juntávamo-nos lá a um certo dia que ela marcava. Dava-se-lhe alguma coisa porque era pobre, e ela ensinava. Eu acho que era todas as semanas, que havia um dia para isso. Umhas horas!

Eu lembro-me do dia da Comunhão mas explicar não sei. A gente ia com um vestido branco, com um veuzinho. Ia-se à missa e comungava-se na missa antes das procissões.

### **Namoro "*Foi o meu primeiro namoro*"**

Antigamente os namorados não andavam muito tempo a namorar, nem à porta iam da namorada. Onde se encontravam é que falavam alguma coisita. E nos bailes. Às vezes tinha que ser em segredo mas, em segredo, durava pouco.

O tempo do meu namoro também foi assim. Eu casei-me no mês que fiz 18 anos. Era muito nova ainda. E o meu marido tinha mais quatro anos que eu. O nosso namoro também foi às escondidas muito tempo. Porque a minha família não queria. Eu tinha uns avós que ainda puxavam muito para o antigo. Queriam para as famílias, para os sobrinhos, para os primos. Depois não calhou. Foi o meu primeiro namoro e foi aquele mesmo. Não namorei muito tempo porque o meu pai - antigamente quando se namorava o rapaz tinha que ir pedir autorização ao pai para namorar a filha, se dava, dava, se não dava lá faziam como eles entendiam - não era daqueles que gostava que andassem muito tempo a entreter. Ou era para uma maneira ou era doutra. E como na minha família havia os avós que queriam para um lado da terra dele de maneira que depois o meu pai disse que não gostava de namoros muito complicados, muito grandes. E que nem queria que andássemos a falar por aqui ou por ali como alguns. Que ele quando quisesse falar alguma coisa que ia à minha porta. E depois falávamos assim à porta, um bocadito à noite. Era assim os namoros.



**Manuel Simões, marido de Isaura (Coimbra, 16 de Maio de 1973)**

### **Casamento "*Fui de vestido branco, véu comprido e grinalda*"**

Para casar a primeiro falámos nós, e depois foi combinar com o meu pai. Casei. Lembro-me do dia de casamento, foi o dia 28 de Janeiro. No mês que eu fiz 18 anos.

Fui de vestido branco, véu comprido e grinalda. Era assim.

Havia sempre missa. Depois da missa era o almoço. E depois passavam o tempo já não sei como, por aqui e por ali. E depois à tarde havia o jantar. Era dia de festa. O primeiro prato era a sopa, depois era fressuras, os miúdos da rês, dos cabritos, das cabras que matavam. Depois leva um bocadinho de arroz, um bocadinho de sangue. Chamam cá a fressura. Era o primeiro prato. Depois era batatas e a carne assada no forno. E se havia no tempo de verduras, faziam verdura, se não havia cá compravam alfaces. E depois havia os doces. Muito arroz-doce. Sempre tudo com muita fartura. Tigelada e coscoréis. Coscoréis são uns bolos assim redondos que se estendem, do género de filhós mas não fica



---

assim redondo pequenino. Aquilo leveda. Está levedado aí de umas duas horas e leva muitos ovos para ficar bom.



**Isaura e o marido nas bodas de ouro**

### **Descendência *Tudo por um filho***

Depois dois anos de casar tive um filho. Infelizmente foi só um. O meu marido embarcou, foi para Lourenço Marques, ele era cortador. Cortador de carnes, num talho. E eu fiquei. O meu filho ainda não tinha nascido quando o pai foi. Mas ele foi chamado naquele momento e teve que ir. E depois o meu filho nasceu e passados dois anos fomos lá ter. Tivemos lá uma grande parte da nossa vida, por volta de 20 anos. Mas viemos cá. Entretanto viemos cá, e depois voltamos.

Mas depois o meu marido pensou, por causa do filho também, pensou ir para Coimbra e meteu-se na construção com mais dois primos. Estivéramos lá ainda bastante tempo também, em Coimbra. Depois o meu filho formou-se e nós viemos para aqui porque o meu marido já andava farto de andar por fora da terra,

de casa, resolvemos vir para cá viver novamente. Tínhamos carro, vínhamos à Benfeita muitas vezes. Depois o meu marido meteram-no aí como Presidente da Junta. Fez quatro mandatos. Tivemos sempre por aqui a vida. Tinha mais de 40 anos quando vim de Coimbra.



**Filho Natalino, aos dois anos**

### **Migração "*O melhor tempo da minha vida*"**

Quando estive em Lourenço Marques só estava em casa. Gostava imenso de lá estar. Foi onde passei o melhor tempo da minha vida.

Hoje, aquilo está abandonado. Mas naqueles tempos era uma maravilha viver lá. Havia muita gente da Benfeita. Cada um tinha os seus trabalhos. A minha irmã também lá estava e o marido e os filhos. Já o meu cunhado conduzia os comboios. Era maquinista dos comboios. Havia mais outros primos que eram da construção civil. Havia muitos espalhados para os matos. Tinha muitas cantinas onde vendiam tudo: cereais dos campos que lá cultivavam, mercearia, vendiam panos para fazer aquelas capelanas para as pretas. Vendiam assim.

---

E depois é que viemos quando houve aquela coisa em África em que os pretos correram com os brancos, quando houve a revolução, lá em África. O meu marido tinha lá uma senhora que era a caixa, que era uma senhora já de idade, mas era muito amiga dele, e ela ia-lhe contando as reuniões que havia lá entre os pretos e os mulatos. E ele estava a par das coisas. E ela numa altura qualquer disse:

- "Senhor Manuel, é altura"

Porque ela sabia que ele queria-se vir embora antes dos acontecimentos. E então viemos embora.



**Isaura Gonçalves**

### **Costumes "*Os Manjericos*"**

Ainda andei num rancho, n' Os Manjericos, porque o meu pai era ensaiador. Mas não foi muito tempo. Eu dançava. Eu não tocava, não sabia tocar.

Tínhamos umas fardas muito bonitas. Era uma saia preta com umas barras verdes. Eram umas blusas brancas com um manjerico bordado do lado esquerdo e era um lenço avermelhado. Não era só de uma cor! Várias cores. Um lenço na cabeça. Era uma fardita jeitosa.

Os homens iam de calça preta, camisa branca e gravata preta. Tinham um manjerico bordado no bolso da camisa.

Íamos a outras terras em volta. As terras da freguesia. Também foram ainda algumas vezes a Lisboa, a Coimbra. Depois as coisas começaram a murchar porque o pessoal começou a sair daqui para fora e já havia pouca gente.

## **Lugar A Benfeita**

Antigamente passou aí uma gente e que foram - nessa altura chamava Valverde - a essa dita capelinha ao pé da torre. Uma capelinha arredondada e gostaram tanto da capelinha, acharam-na tão bonita, tão bonita e diz que disseram:

- "Aqui esta terra havia de se chamar era Benfeita."

Agora se assim o foi não sei!

As pessoas da Benfeita são os "Balseiros". Eu não sei porquê. Não sei se é por serem gordos, se era por beberem. Os de Pardieiros acho que era "Ralhadores". E do Sardal "Casaquinhas", Pai das Donas "Cavaleiros", das Luadas não me lembro.

A Benfeita era muito diferente do que está hoje. Era muito diferente. Onde era estas casas, era tudo terras de cultivo. Depois lembra-me que abriram a estrada lá de baixo. E depois abriram daí é que depois começou a estrada da Benfeita. Depois ainda estive muito tempo embargada por causa de umas senhoras que tinham uma casa e só depois de lhe fazerem uma casa para elas é que isto acabou de romper.

## **Festas e bailes**

A santa padroeira da Benfeita é a Santa Cecília. Faz-se festa, não tinha esses conjuntos assim, não tinha. Marcavam a festa, tinham uns quatro mordomos. Foi sempre quatro e havia duas raparigas para ajudar. No dia da festa matavam muita rês, muita carne, faziam muitos doces. Depois chegava a música de manhã, dava a volta ao povo, paravam às portas dos mordomos para beberem um copo e comerem um bolo, até chegar depois a hora da missa. E havia a missa e depois a procissão. Depois iam ao almoço. E depois juntavam-se num largo, que ainda hoje se lá juntam ao pé da piscina. Na altura não havia lá nada, era só o largo. E a música ia para lá, até se ir embora, até umas tantas horas. E tocava lá e o pessoal dançava, divertia-se, era assim. Vinha muita gente de fora aqui, vinha muita gente porque havia em todas as terras gente casada aqui e ali, e as famílias juntavam-se todas nesse dia. Encontrávamo-nos todos nos bailes.

---

Havia os bailes, isso havia. Tínhamos muitos senhores que sabiam tocar guitarra e viola e muitos que sabiam muito bem cantar. O meu pai era um deles, coitado. E depois pelo Carnaval, era quando faziam os dois bailes. E às vezes na noite do São João faziam dois pavilhões. No Carnaval faziam dois ranchos, havia gente para isso. Depois andávamos por aí na aldeia. Ia-se a algumas terras aqui perto nos dias de Carnaval. Era assim a festa.

## **A Páscoa e o Natal**

A Páscoa é como em todo o lado. Vão a todas as casas, mas já ia o padre com a cruz. A quem as pessoas queriam que fosse. Eles não obrigavam. Aqui, é a todas as casas. Há uma missa e depois da missa há três cruzeiros para irem duas para a freguesia. Por exemplo, Luadas, Pai das Donas, Sardal e Enxudro e outra ia para Monte Frio, para a Dreia, Deflores e outra ficava na Benfeita. Eles vinham com a cruz, as pessoas beijavam a cruz e dava-se o foliar ao padre. E era assim o Domingo de Páscoa.

As crianças iam a casa dos padrinhos buscar o foliar. Antigamente até havia quem desse era uma broa. Porque era gente mais pobre. E davam umas amêndoas.

No Natal juntam-se as famílias. Agora já não vêm tanto, quer dizer, isto está quase despovoado. Só aí chegando o mês de Maio e Junho até ao fim de Setembro isto ainda se rompe com gente. Agora no Natal muita gente vai para Lisboa passar com os filhos. E os que cá ficam divertem-se. Há a santa missa.

Na ceia de Natal é o bacalhau e hortaliça e batata, com azeite. E há sempre filhós, há sempre bolos. Há essas coisas assim. Às vezes, as pessoas juntam-se mas isto também reduzido a velhos, metem-se em casa. Antigamente havia bailes, havia tudo. Havia gente para tudo. Para ficar em casa e para ir para os bailes e para as tabernas e para as festas.

No meu tempo não se recebia prendas. Depois, mais tarde, é que começaram a dar as prendas aos garotos da escola. O meu marido encarregou-se disso e pela Páscoa também havia aí um senhor que ainda há, ainda é vivo, mas depois deixou-se disso. Que dava na Páscoa as amêndoas aos garotos da escola. Só aos da escola.

## **A tigelada é fácil**

A tigelada é uma espécie de pudim flan. De pudim de ovos. Costumam fazer assim: para um litro de leite batem-se dez ovos. Quem tem muita fartura até bate 12, mas com dez também fica bom. Batem-se dez ovos, um litro de

---

leite e dez colheres, quantos ovos, quantas colheres de açúcar. E depois a gente prova antes de ir para o forno. Se não estiver bem doce a gente pode juntar mais açúcar na altura de pôr para o forno. E mexer mesmo no tacho. Aquilo é batido mesmo nos alguidares grandes e depois é dividido por tachos para irem ao forno. Daqueles tachos de barro. É fácil.

### **"O queijinho era tão bom"**

O queijinho era tão bom! Para fazer o queijo, juntava-se o leite, se era muito faziam todos os dias, se não era muito era de um dia para o outro ou guardavam o leite. E depois o leite amornava-se e coava-se, era preciso muita limpeza para isso. Coava-se o leitinho, ficava numa panela, chamavam panelas vidradas. Umas panelas altinhas.

Punha-se na panela, punha-se um bocadinho de cardo, que era o coalho. Com o cardo é que ele coalhava. E estava aquele tempo e depois o leite já não ficava em liquido. Ficava coalhado. Tirava-se depois assim com a mão ou com uma colher para dentro de um acincho, de uma coisa redonda do feitio do queijo, e calcava-se, calcava-se...ia-se pondo, ia-se calcando, aquilo tinha uns buraquinhos em toda a volta e o líquido ia saindo e a massa ficava lá. E depois ficava dois ou três dias no acincho. Ia-se virando e depois quando a gente via que se segurava, tirava-se o acincho e ficava a secar em cima de um pano, em cima de uma tábuca. Quem gostava dele fresco comia logo. Mas também aqui as pessoas faziam bastante e guardavam para o ano inteiro.

Ele secava e ficava amarelinho, ia secando e guardavam até se acabar.

### **Sem luz, água e médico**

Primeiro, eu acho que não havia luz. Havia uns candeeiritos assim altos de petróleo. Tinham um registo, quando queríamos mais chama, quando queríamos menos baixávamos. E luzes de azeite também. Chamava-se as lanternas e candeias. Era assim a vida. Diferente, muito diferente. Muito, muito. Não tem comparação.

Água nas casas também não havia. Mais tarde é que tudo foi feito. Havia fontes por aí espalhadas no povo e ia-se buscar água às fontes, com uns cântaros grandes de barro.

Também era nessa altura que os rapazinhos iam ter ao pé das fontes. E depois lá conversavam um bocadinho.

Não havia médico, só em Côja. E nem tínhamos estrada para vir um carro aqui. Não vinha. Só onde diz lá a baixo Benfeita, seis quilómetros, aí ao depois

---

é que a abriram a estrada e é que começou a vir os movimentos dos carros para aqui. Os médicos andavam com cavalos.

E havia aí uns homens também assim entendidos. Uma pessoa partia um braço, eles arranjavam. Sem terem estudos. Mas tinham prática. Arranjavam umas talas de madeira e ligavam e era assim. Um era José Augusto Martins, e outro era José Maria da Fonseca.

## **Dia da Cobra**

O dia da Cobra é o dia primeiro de Maio. Dizem que aparece as cobras, não se pode ir às terras apanhar hortaliças, nem se apanhar nada porque depois as cobras vêm para casa. É estas coisas assim, lendas assim dos antigos.

### **"O 7 de Maio nunca esquecerá, os sinos escutai-o, ele vos lembrará"**

A Torre da Paz é aquela torrezinha adiante, onde está a Santa Rita. Onde há uma capelinha redonda. Está lá uma torre. Aquela torre foi na altura da Guerra Mundial que durou muito tempo, durou 1000 e tal dias. Era mundial, aquilo morreu muita gente. A minha mocidade na altura foi tudo para a guerra, fazia-se muitas preces para a guerra acabar e quando foi que a guerra acabou, houve aí um senhor que deu a iniciativa de fazerem uma torre em homenagem ao 7 de Maio. E fizeram então essa torre. Mas era para ser muito maior mas os donos dos prédios que ficavam por baixo da torre começaram a queixar-se que aquilo vinha algum dia cair, depois deixaram-na mais pequena.

Compraram um relógio para lá, electrónico, ou como é que se diz, e todos os anos o dia 7 de Maio esse sino dá aquelas mil e tal badaladas sem ninguém lhe mexer. E ele está ali duas horas a dar badaladas. E por isso, depois, inventaram canções. Hoje, no 7 de Maio, juntam-se as mulheres e as raparigas e vão lá cantar os versos que na altura fizeram ao 7 de Maio. Não sei se ainda sei algum. Eu sei que um era assim:

*Os 7 de Maio nunca esquecerá*

*Os sinos escutai-o, ele vos lembrará.*

Quer dizer, quem estivesse esquecido lembrava-se porque o sino estava ali duas horas e tal a dar badaladas.

## **A Benfeita actualmente**

O meu marido foi Presidente da Junta de Freguesia. Trabalhava muito o que é, nessa altura não era como agora. Agora de todos os lados aparece dinheiro. E naquela altura não tinham dinheiro para fazer as coisas. O meu marido chegou a pagar muita coisa que queria fazer porque tinha gosto e gostava de fazer, e gostava muito da terra, com o dinheiro do bolso dele. Depois a Câmara dava-lho mas diziam-lhe que não podiam quando ele pedia. Ia lá pedir ajuda eles diziam que não podiam e que se ele pudesse que depois que pagavam e ele às vezes adiantava muito dinheiro para muita coisa que se aí fez.

A gente gosta de tudo da Benfeita. Somos de cá. Vem cá muita gente passear, isso vem. É bom, fazem despesa. No largo junta-se para ali o povo todo ao sábado e ao domingo. Tem um ecrã muito grande. Mostram a televisão, jogos de bola, e vendem chá ou café, outras bebidas para os homens, e bolos e assim miudezas para quem quer.

Eu já não mudava nada na Benfeita. Isto, por acaso, é uma aldeia que está aqui num buraco, nem há muita gente que não gosta de cá. Mas tem cá praticamente quase tudo o que lhe é preciso. Penso eu.



**Filho Natalino**



---

## Quotidiano *Os meus dias*

Passo os dias por casa. O meu filho vem cá todos os fins-de-semana, porque ele vive em Coimbra. O meu neto também lá está. Eles vêm cá. Telefonam-me todos os dias.

Agora eu vou para o centro. Vou lá almoçar todos os dias e lanchar. E depois, juntámo-nos às vezes, no Verão aqui na minha garagem, juntam-se para ali e ali estamos a conversar e a trabalhar. A fazer rendas, bordados. Fiz muito renda, tenho uma mala cheiinha, para o meu neto. Panos e tudo. Tudo o que pertence a uma casa.

Aprendíamos a bordar umas com as outras. As que eram mais velhas ensinavam a gente mais nova e fôramos assim aprendendo. Antes fazia renda na hora do calor, chamam a hora da cesta. Na hora do calor juntavam-se, às vezes, umas com outras e sentavam-se assim ao pé da porta, onde houvesse sombra e fresco e depois de passar mais o calor ia-se para o campo.



**Neto Ricardo**

## **Sonhos *Sonhar com o neto casado***

Tenho um sonho, gostava de viver até que visse o meu neto casado e o meu filho também com a vida dele realizada. Eu não gostava de morrer e deixá-lo ficar sozinho. Nem ao meu neto.

## **Avaliação "*É bonito e é bom*"**

Acho bem. É bonito. É bonito e é bom. Os mais novos deveriam saber como era a vida antigamente. Uma vida dura. Hoje abusam muito dos pais e não olham para os sacrifícios que os pais fizeram.



**Neto Gonçalves**